



Entrevista concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, após cerimônia de abertura da 13ª Assembléia da União Africana Sirte-Líbia, 01 de julho de 2009.

Presidente: Vocês não gravaram lá o que eu falei?

_____ : (incompreensível)

Presidente: Vocês viram que o pessimismo de vocês não aconteceu?

Jornalista: Que pessimismo?

Presidente: Vocês viram como é duro você fazer preconceito premeditado? Não estava lá nem o Irã, não estava lá a Itália, não estava lá (incompreensível).

Jornalista: Mas o (incompreensível) estava lá.

Jornalista: (incompreensível)

Presidente: Hein?

Jornalista: O presidente do Sudão estava (incompreensível), foi bom, não é? Então (incompreensível)

Presidente: Foi bom... Eu não trabalho com este preconceito, não. Porque se eu trabalhasse assim, nós não estaríamos nem na ONU, porque tem tanta adversidade na ONU, você tem que estar sentado juntinho, votando. Não teria Câmara dos Deputados, não teria Senado, não teria redação dos jornais,



porque vocês não gostam de muita gente que está lá, eles não gostam de vocês.

Então, o dado concreto é que eu acho que para nós, brasileiros, é um encontro muito importante esse com a União Africana. Não apenas pela questão comercial, que eu disse ontem para vocês, mas, sobretudo, porque a Embrapa já detectou, em vários países que ela pesquisou, que existe um potencial agrícola tanto quanto no Brasil. Sobretudo, uma certa similaridade entre a savana africana e o cerrado brasileiro. Se isso é verdade – e o Brasil detém a mais importante tecnologia na agricultura tropical, estamos fazendo experiências em alguns países – significa que dentro de alguns anos a gente pode ter a África sendo, sabe, um continente com uma produção extraordinária de alimentos, de biocombustíveis, e, quem sabe, mudando o patamar, da qualidade de vida de seu povo.

Depois, o fato importante de ser o único presidente da América Latina a ser convidado para um evento como este demonstra, também, um certo reconhecimento pelas relações que o Brasil estabeleceu ao priorizar o Continente Africano como um parceiro importante.

Acho que a reunião que nós vamos ter, em setembro, na Nicarágua... lá em Caracas, eu acho muito importante também porque é uma aproximação de dois continentes que passaram séculos e séculos separados. Ou seja, ao invés de fazermos do Oceano Atlântico, sabe, um encurtamento de distância, nossa estrada, na verdade, nós nos separamos, ou seja, ficamos muito voltados para uma parte do mundo. E eu acho que pode haver um crescimento substancial das relações da América do Sul com o continente africano. E para mim também é a única possibilidade de a gente garantir o fortalecimento da democracia e da paz. Ou seja, onde não há emprego, onde há fome, sabe, onde não há crescimento econômico, não há desenvolvimento, a perspectiva de ter violência e de ter menos democracia é muito maior, infinitamente maior. Acho que inclusive esse crescimento que vai diminuir os problemas da



migração para os países ricos, que tanto molesta os países ricos, ou seja, na hora que você tiver emprego na África, você não vai ter mais africano percorrendo o mundo atrás de emprego, você vai ver apenas jogador de futebol, percorrendo o mundo. De forma que eu regresso para o Brasil com a sensação do dever cumprido.

Jornalista: Presidente, (incompreensível) partidos estão agora se mobilizando para ver uma forma para que até ele se afaste talvez do cargo (incompreensível).

Presidente: Eu já disse ontem para vocês, ou seja, eu só acho que tem que investigar. Investiga, se tiver culpa, pune.

Jornalista: (Incompreensível)

Jornalista: DEM e PSDB (incompreensível).

Presidente: Veja, é importante que DEM e PSDB querem que ele se afaste para o Marconi Perillo assumir, o que não é nenhuma vantagem para ninguém. A única vantagem é para o Marconi Perillo e para o PSB [PSDB], ou seja, que quer ganhar o Senado no tapetão, assim não é possível, assim não é possível. Ou seja, isso não faz parte do jogo democrático. Se o PSDB queria o Senado deveria ter indicado um candidato e disputado, né? Se o PFL quisesse, não deveria ter apoiado o Sarney.

Jornalista: (Incompreensível).

Presidente: Eu acho que essas coisas não mudam. O que precisa é voltar à normalidade, discutir as coisas substanciais que interessam ao Brasil, tem



coisas importantes para serem votadas na Câmara e no Senado. O que importa para o governo é que vota o que tiver que votar, que apure o que tiver que apurar e vamos fazer o barco voltar, sabe, a funcionar, porque o Brasil não pode ficar esperando que as discussões...

Jornalista: (Incompreensível) temporário na Presidência do Senado...

Presidente: Mas é um problema do Senado, o Executivo não dá palpite sobre isso, o Executivo não dá palpite. O Senado, para ser senador tem que ter mais de 35 anos de idade. Trinta e cinco anos de idade, eu já tinha praticamente quase 20 de contribuição à Previdência Social, portanto, já tinha juízo, eu já estava casado, eu já tinha os meus filhos, ou seja, os senadores têm tudo mais de 35 anos de idade. Toma a decisão que quiser tomar, mas pelo amor de Deus, trabalhem para que o Senado funcione corretamente e que não paralisem as coisas que estão lá para serem votadas.

Jornalista: Presidente, qual foi o retorno que o senhor teve sobre aquelas quatro propostas (incompreensível)?

Presidente: Eu acho que vai acontecer tudo, porque eu acho que é unanimidade com relação ao protesto sobre o golpe dado em Honduras.

A reunião de ministros da Agricultura é ... tudo que os africanos querem é aprender, sabe, o desenvolvimento brasileiro na questão da agricultura.

E a questão das Olimpíadas, eu não poderia deixar, sabe, de fazer o apelo no microfone já que eu não podia conversar individualmente sobre 16 votos que têm aqui na África. E eu acho que há a possibilidade de uma grande maioria dos delegados africanos votarem no Brasil. A Inglaterra não é candidata – aqui tem muita gente de origem inglesa, porque a Inglaterra colonizou vários países. Os franceses não estão disputando, portanto, muita



gente que foi colonizada pelos franceses poderá votar no Brasil, a Espanha só tem um país aqui de língua espanhola, ou seja...

Jornalista: Mas que votará no Brasil.

Presidente: ...que certamente votará no Brasil. Os países árabes, nós já falamos com vários deles, muitos estão propensos a votar no Brasil, de forma que eu fiz um pedido e um apelo para que não se esqueçam do Rio de Janeiro.

Jornalista: O presidente deposto de Honduras pretende voltar na quinta-feira ao País, acompanhado de alguns...

Ministro Celso Amorim: Há novidade sobre isso, uma resolução da OEA. Eu ia informar ao Presidente, mas se o senhor me permitir eu informo aqui. Houve uma reunião da OEA que terminou às cinco da manhã, hora de lá, e que deu 72 horas para os que deram o golpe permitirem a volta do presidente Zelaya. Então a coisa está nesse pé, e há uma comissão indicada, que inclui o secretário-geral da OEA, para negociar ou tratar dessa volta. E, pelo que eu entendo, eu não li a resolução, mas vi pelo resumo que fizeram, que se nessas 72 horas o governo de Honduras – o governo não, as pessoas que deram o golpe em Honduras, que estão ocupando o poder em Honduras – não cederem, se aplicará o artigo pertinente da Carta Democrática que significa suspensão, a suspensão de Honduras da OEA. Está resolvido no momento.

Jornalista: Essa é a resposta dura que o governo esperava?

Ministro Celso Amorim: Essa resposta é uma resposta adequada no momento, na minha opinião, depois vou conversar mais com o Presidente, vou



ler a resolução, mas enfim, esse é um primeiro passo importante, a suspensão, se for o caso, suspender o país da OEA.

Presidente: Muito bem.

Jornalista: Presidente, já teve algum encontro bilateral, com algum chefe de Estado (incompreensível)?

Presidente: Tive vários encontros (incompreensível). Até porque também não havia a possibilidade de encontros bilaterais. Ou seja, nós tínhamos que sair por volta de 1h30, saímos um pouquinho atrasados, nós vamos nos encontrar em setembro, em Caracas, com todo mundo outra vez. O presidente Kadafi vai estar em Roma, a convite do Berlusconi, para participar de um outro grupo convidado pelo G-8. É isso.

Jornalista: Presidente, o senhor vai levar alguma mensagem ao G-8 dos países africanos, agricultura. Em relação à agricultura, os subsídios são os principais problemas para não (incompreensível)

Presidente: Essa é uma discussão antiga nossa com a Europa e com os Estados Unidos. No discurso, eu toquei neste assunto. É incompatível e sobretudo é incompreensível que em uma crise como essa, que os países ricos não compreendam que a redução dos subsídios seria possibilidade de os países mais pobres tivessem acesso ao mercado agrícola deles. É incompreensível, sabe, isso obviamente que será tocado no G-8, ou seja, a questão do emprego... A gente só não pode misturar é o G-8 com o G-20, ou seja, porque são assuntos diferenciados, temas diferenciados, eu não posso confundir, porque tem outras pessoas que participam do G-20 que não participam do G-8. Então eu também não posso ficar tocando nos assuntos do



G-20 no G-8 porque daqui a pouco nós montamos outra... criamos outra instância.

_____ : (incompreensível).

Presidente: É no G-20. Mas no G-8, nós sempre tentamos falar. Todas as vezes que eu participei do G-8, nós tentamos incluir a Rodada de Doha e a verdade é que os grandes países nunca quiseram, sempre havia um pretexto para não discutir. A França culpava os Estados Unidos, os Estados Unidos culpavam a França, sabe, e essa culpa um do outro, não acontecia a discussão.

Eu sou otimista. Quando eu fui visitar o Obama, eu disse para o Obama que uma das condições básicas para a gente resolver parte dos problemas era a gente resolver a questão comercial. Obviamente que o Obama tomou posse, tinha toda uma estrutura de negociação do outro governo, não é simples também mudar essas coisas. Mas me parece que agora também o Obama já admite começar a conversar, os interlocutores dele já estão estabelecendo conversa, eu espero que a gente avance.

E eu espero que a gente avance no G-20 também, porque nós não podemos ficar com a impressão que os países ricos querem que por si só a crise vá se acomodando, se acomodando, se acomodando, para não mudar nada. E nós temos que cumprir as decisões que nós tomamos em Londres. Colocar mais dinheiro no FMI, o Brasil já colocou a sua parte, a China já colocou a parte dela, a Rússia já colocou a parte dela. Bem, agora é preciso saber se estão emprestando dinheiro para os países mais pobres, sem condicionalidade, não é?

Nós discutimos muito a questão dos paraísos fiscais. É preciso saber o que está acontecendo nos paraísos fiscais, quais atitudes que foram tomadas. Agora mesmo, acabou de haver uma reunião em Basiléia, de todos os bancos



centrais do mundo. O companheiro Meireles estava lá, e foi com a incumbência de estabelecer conversações com a China, com a Índia, com a Rússia, para ver se a gente começa a criar condições de fazer a troca comercial entre nós, nas nossas moedas, não ter ingerência do dólar. Tudo isso é um processo que está caminhando, e tudo isso será assunto para a gente discutir no G-20.

Jornalista: (Incompreensível)

Presidente: Não, veja, eu não tenho tanto... Não, veja, eu não tenho tanto otimismo quanto o Celso, porque como são oito países, eles podem criar os grupos que eles quiserem criar. Do ponto de vista da representação política para discutir a crise, o G-8 já não vale mais, esse não vale mais. E, também, não poderia o G-8, no momento da crise, convidar o G-20 para participar e, agora, não precisa mais, porque está resolvida a crise. Não é assim.

Eu acho que o G-20 vai continuar, o G-8 vai continuar a ser importante, porque não tem sentido, ou seja, o mundo hoje não depende apenas dos países ricos, ou seja, hoje os países emergentes têm uma importância e uma ascendência na economia tão ou mais importante do que os países ricos.

Então, vamos torcer que (incompreensível) vocês voltem para o Brasil amanhã com o Corinthians campeão da Copa Brasil. Não vai dar para assistir.

(\$31EGJLQ)